



O FANTASMA E A CORTINA: GÊNERO E ETNIA EM *THE PORTOBELLO ROAD* E *THE CURTAIN BLOWN BY THE BREEZE*, DE MURIEL SPARK

Célia Cristina de Azevedo Ask¹

As condições de vida humana são sempre mais equilibradas em lugares onde existe uma forma mais democrática de governo; assim, a ideia de igualdade que se atrela ao termo democracia abrange todas as áreas de atuação humana, as quais congregam indivíduos diferentes, mas à procura de um mesmo direito: o direito à liberdade de expressão e de atuação sócio-cultural. No entanto, esta sociedade ideal e desejada parece estar longe de se concretizar, inclusive nas comunidades que alegam ser regidas pela democracia. Se países de governo democrático não conseguem assegurar a igualdade e a liberdade aos seus cidadãos, menos direitos são garantidos aos indivíduos cuja nação encontra-se sob algum tipo de domínio. Sob este aspecto, o domínio político e econômico que a Inglaterra teve sobre os países do continente africano resultou em desigualdades inumeráveis, ficando os sujeitos daquela região subjugados aos mandos e imposições de uma cultura outra, anulando-se, assim, a identidade e a liberdade dos indivíduos não somente pertencentes a um local geográfico, mas a uma cultura estabelecida e com uma história peculiar.

Ao se tratar da questão da garantia de direitos a indivíduos ou a grupos de indivíduos, é importante mencionar que afora o ideal democrático, evidentemente suprimido nas colônias, as condições de vida nestes locais revelam-se ainda mais complexas e difíceis para o grupo das mulheres. As desigualdades que marcaram a história da África colonial fizeram-se presentes nas narrativas produzidas por pessoas que a testemunharam. Levando-se em consideração que a categoria “colonizador” é designada somente no masculino, pois o poder de comandar e governar é dado somente aos homens, encontram-se as mulheres pertencentes às colônias, ou nelas residentes, em situação duplamente subalterna e inferior. Assim sendo, as narrativas de mulheres europeias que se viram obrigadas a morar ou a trabalhar no continente africano tornam-se significativas por contar uma história em que o colonialismo estabelece uma dupla distinção: entre colonizadores (brancos) e colonizados (negros), reforçando a diferença mulheres brancas e negras. Enquanto as mulheres brancas contam entre os bens dos homens brancos por causa do casamento, as mulheres negras encontram-se no mesmo grupo por causa do direito dado a eles de possuir a terra e, de certa forma, as pessoas que dela dependem ou que dela cuidam em seu benefício.

Dotados de poderes ilimitados, os senhores brancos podiam fazer quase tudo o que desejavam, pois social e economicamente estavam acima do imenso grupo formado por homens

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Letras, da UNESP – Universidade Estadual Paulista.



negros e mulheres brancas e negras. Deste grupo, as mulheres brancas que vinham da Europa por motivo de trabalho ou de casamento poderiam ser consideradas privilegiadas; primeiro, por não terem sido formadas com o pensamento do colonizador e, segundo, por terem experimentado uma liberdade relativa na Europa, principalmente as engajadas em atividades sociais e culturais, embora marcadas pela diferenciação social e cultural dos gêneros. Pertencente a esta última classe, Muriel Spark, escritora escocesa que morou no Zimbábue no período entre-guerras por ocasião de seu casamento, viu-se surpreendida com a realidade local; suas experiências, assim como situações narradas por outras pessoas, passaram a compor suas produções posteriores. Dentre as situações e práticas mais características daquele período, naquela região, as relações interpessoais e a violência foram as que mais marcaram a autora, cujos contos *The Portobello Road* e *The curtain blown by the breeze* registraram sua surpresa e inconformidade quanto aos direitos irrestritos dos brancos ao se tratar de relações interpessoais no que concerne a casamento interracial e a violência física contra negros.

Mulheres e homens brancos na colônia: heranças do racismo e do sexismo.

Em *Portobello*, a personagem-narradora “Needle”, descreve as circunstâncias que tiveram como resultado seu assassinato e as implicações de seus atos pós-vida na busca por visibilidade. Neste sentido, é importante considerar que Needle encontra-se na condição peculiar de fantasma para não somente dar testemunho do conjunto de situações que culminaram em sua morte, como para fazer seu assassino perceber as consequências de seus atos e, de forma mais evidente, denunciar os aspectos legais e sociais que distinguem homens e mulheres em uma sociedade marcada pelo colonialismo e pelo autoritarismo masculino.

Quando o grupo de amigos formado por George, Skinny, Kathleen e Needle se viu ante a necessidade de se separar por eles terem que seguir adiante nos estudos ou no trabalho, não podiam perceber o quanto suas histórias estavam vinculadas. Dos membros do grupo, apenas Kathleen fica na Europa, enquanto os demais seguem para o continente africano a trabalho: Needle e Skinny vão trabalhar em escavações arqueológicas e George assume a administração das fazendas de tabaco de seu tio. Em visita ao amigo fazendeiro, o casal confirma as notícias já obtidas quanto à sua relação com as “mestiças” locais ao conhecer Matilda, filha de um magistrado que tivera educação diferenciada. No entanto, de início não fica evidente que tipo de relação há entre o fazendeiro e sua companheira, em razão da forma como ele a tratava:



On the whole, George treated her as a servant. She was about four months advanced in pregnancy, but he made her get up and fetch for him, many times. Soap: that was one of the things Matilda had to fetch. George made his own bath soap, showed it proudly, gave us the recipe which I did not trouble to remember.²

Tempos depois de romper o noivado com Skinny, Needle encontra George em um hotel, onde lhe é revelado um segredo: seu amigo havia se casado com Matilda no Congo, acreditando que, desta forma, o compromisso não tivesse validade em outros lugares. Questionado sobre o fato de não ter consultado a amiga e quanto ao motivo de haver tomado tal decisão, o fazendeiro é enfático:

'I'm two years older than you are. I don't ask advice from you, Needle, little beast.' [...] 'There are three white men to one white woman in this country,' said George. 'An isolated planter doesn't see a white woman and if he sees one she doesn't see him. What could I do? I needed the woman.'³

Sentindo-se “enojada” com a história do amigo e, sendo sua reação notada por ele, Needle é criticada por ter reagido mostrando-se menos compreensiva que o tio latifundiário de George, “um velho colono altamente preconceituoso” que, ao saber da notícia da gravidez da nativa “entendeu perfeitamente” a situação do sobrinho e, voando para a fazenda, “fez um acordo com ela, providenciando que ela fique de boca fechada” sobre sua “associação” com ele. A desaprovação da amiga somente surtiria efeito alguns anos depois, quando terminada a guerra e estando o amigo de volta para a Inglaterra e desejando casar-se com a antiga amiga, Kathleen, a ameaça feita por Needle de revelar seu casamento torna-se um empecilho, que é anulado com a morte da testemunha. No entanto, o que não estava nos planos do fazendeiro era a presença insistente e perturbadora da amiga que matara.

É interessante notar que a condição de fantasma confere alguns privilégios à narradora, pois a pressão social e cultural, assim como a “autoridade” masculina que a impediam de falar anteriormente são anuladas em sua condição, quando vive em outro mundo, o qual não tem visibilidade e nem voz, mas que está em pleno funcionamento, paralelamente ao mundo “real” constituído socialmente pela tradição. Needle oferece uma clara explanação sobre sua condição e sobre como as decisões tomadas por ela podem desencadear mudanças nas atitudes do outro masculino e dar espaço (visibilidade) ao seu eu feminino:

I would not have spoken had I not been inspired to it. Indeed it's one of the things I can't do now — to speak out, unless inspired. And most extraordinary, on that morning as I spoke, a degree of

² SPARK, M. *All the stories of Muriel Spark*. New York: New Directions Books, 2001, p. 7

³ Idem, p. 10



visibility set in.” [...] Of course, I did not live to write about life as I wanted to do. Possibly that is why I am inspired to do so now in these peculiar circumstances.⁴

A visibilidade adquirida com o início da fala da personagem é significativa não somente para ela, como membro do grupo das mulheres brancas silenciadas e sob o comando dos homens brancos, mas também para o grupo a que pertence Matilda, a nativa cuja invisibilidade não pode ser anulada completamente por estar ela desprovida de espaço e de voz dada a situação social e cultural a que está submetida na colônia. Por esta razão, ao ser colocada no local determinado pelos homens para “manter sua boca fechada”, a mulher negra precisa de uma outra voz e que fale de um outro local de forma que lhe seja favorável ou, ao menos, que chame a atenção para sua existência como sujeito social que merece ser beneficiado com os direitos concedidos aos demais sujeitos de forma igualitária. Assim sendo, é necessário mencionar a relevância que adquire a tríade feminina para a constituição do conto. Matilda, Needle e Kathleen parecem delinear uma espécie de diferenciação como se fossem padrões de comportamento das mulheres, enquadrando-se, cada uma delas, em um grupo de diferente grau de adesão ao padrão comportamental/social empregado pelos homens.

Matilda, por ser uma mulher negra vivendo na colônia, fruto da “associação” de um homem branco com uma mulher nativa, como resultado é alguém que foi gerada por meio de uma relação considerada ilegal e inaceitável mas tolerável, desde que não fosse “séria”. Por isso, o relacionamento com o colonizador é visto por ela como uma vantagem financeira, já que o casamento lhe garante alguns direitos, embora a maioria deles lhe sejam suprimidos. Para Matilda, o silenciamento e a invisibilidade são aceitáveis por serem a condição classificada como ideal para ela, mulher, negra, colonizada pois, ante a impossibilidade de ser visto e ouvido, o sujeito oprimido usa as armas da opressão contra seu opressor. Daí advém o fato de tais vantagens financeiras mantê-la afastada e diferenciada até mesmo das “respeitáveis moças de cor do bairro”, sendo considerada por elas “um exemplo de tolice”⁵.

Needle, por sua vez, é a mulher branca e autônoma, cujas opiniões e estilo de vida são considerados constrangedores e incômodos para as pessoas à sua volta, as quais não aceitam sua recusa de enquadramento nos padrões sociais, que se pronunciam por meio dos vários cancelamentos do casamento com Skinny, da rejeição à conservação do segredo sobre o casamento de George, assim como à permissão da relação de bigamia deste com sua amiga Kathleen. Por suas características, a personagem passa a personificar a mulher fora de lugar, fora da tradição e destoante das convenções sociais que a colocam em um local desconhecido, um “outro mundo”,

⁴ SPARK, M. *All the stories of Muriel Spark*. New York: New Directions Books, 2001, p. 4-5

⁵ SPARK, M. *All the stories of Muriel Spark*. New York: New Directions Books, 2001, p. 16



nesta zona fantasma conhecida pelas mulheres como a “zona selvagem”⁶, que é o lugar de onde podem falar e se fazer notar socialmente. Needle é também representativa das mulheres que se dispuseram a dialogar com os homens ao longo da história social e que, notando ser impossível modificar o mundo deles, deram visibilidade ao mundo delas para constituir novas significações e possibilidades de compreensão do ser social e de sua atuação no espaço público/tradicional. Sufocadas pela violência masculina, afastada culturalmente de outros grupos minoritários, as mulheres ainda enfrentam a adesão de um grupo surpreendentemente grande de mulheres que acredita ser a hierarquia patriarcal o tipo ideal de relação entre os gêneros.

É a este grupo que pertence a terceira componente da tríade feminina, Kathleen, que se conforma com a permanência em seu lugar, a loja pertencente a uma de suas “ricas conexões”. Quanto a esta personagem, é relevante observar o fato de ser ela a única que não sofre nenhum tipo de aventura ou mudança ao longo da narrativa, o que se justifica por seu conformismo e aceitação dos padrões sociais. Outro aspecto de Kathleen a ser considerado, é seu instinto maternal, sua preocupação exagerada com os sentimentos dos outros, principalmente com os de George, mostrando-se protetora e compreensiva após o mesmo ter um colapso nervoso causado pelas aparições do fantasma de Needle. Kathleen tipifica as mulheres que Spark afirma proliferarem na África entre-guerras, mulheres brancas, da classe social alta, herdeiras de colonizadores ou criadas no continente africano, não somente aceitavam as diferenças étnicas e sociais, como colaboravam para a manutenção da ordem estabelecida, pois muitas vezes deixavam evidente seu apoio aos fazendeiros quando cometiam atos violentos e, até mesmo, lamentavam que as “coisas estivessem mudando”.

Contudo, a apresentação destes exemplos de comportamentos e pontos de vista das mulheres europeias que se faziam notar no espaço social apresentado e representado pelo conto *The Portobello Road*, apresentam apenas um esboço da realidade africana em um período conturbado, marcado pela guerra que havia terminado há pouco tempo e pela perspectiva de iminência de outra, além da situação criada pela colonização. Muriel Spark também permitiu a seus leitores observar as mulheres brancas criadas na África, acostumadas às práticas masculinas e à diferenciação entre europeus e nativos e, mais pronunciadamente, entre europeias e nativas.

A mulher branca europeizada: a vida tempestuosa na colônia.

⁶ Sjowalter



A partir de uma visão cuja base conceitual era uma sociedade em processo de mudança com relação às mulheres, *The curtain blown by the breeze* apresenta uma narradora que não apenas testemunha as mudanças que ocorrem na colônia com relação à atuação das mulheres, como também é agente de mudanças. No entanto, tal personagem tem a função adicional de mostrar às mulheres que nem sempre as consequências das mudanças beneficiam a todos.

Em primeiro lugar, é importante mencionar que Spark, ao escrever o conto, inspirou-se em relatos de pessoas com as quais convivera durante sua estadia na África, como relata em sua autobiografia, *Curriculum Vitae*:

My story 'The Curtain Blown by the Breeze' contains such an incident: a farmer, I was told, on returning home found a piccanin (as we called a small black boy) standing outside the window of his wife's room, peeping at her through the curtains while she breast-fed the baby. For this crime, he shot the piccanin dead⁷

A autora ainda afirma que atos violentos como o descrito acima eram muito comuns naquele período nos países africanos, pois os homens brancos latifundiários ainda viam os nativos como selvagens desprovidos de direitos e de inteligência, o que lhes dava poder ilimitado para resolver os problemas e “dar um jeito” nos negros desobedientes.

No conto sparkiano, o marido é punido com cinco anos de prisão pelo crime cometido contra a criança nativa. Aprisionado e separado da esposa, o fazendeiro perde, temporariamente, seu direito sobre a mulher, a qual fica responsável pelos negócios da família. Sonji, a esposa, que fora criada na colônia sob os mandos do marido, vê na prisão do tirano a oportunidade de estabelecer mudanças na casa e em sua personalidade. Com o apoio das enfermeiras inglesas, que se encontravam na África para fazerem pesquisas, Sonji muda seu nome para Sonia, mudança esta emblemática quando associada às demais que ocorrem em todos os setores de sua vida, tornando-se, assim, “um farol alto enviando raios amavelmente os quais alguns consideraram sinal de boas-vindas em vez de advertência sobre as rochas” (p. ????).

Como uma fênix renascida das cinzas, Sonia passa a chamar a atenção da sociedade local, composta principalmente pelas famílias do veterinário, do químico, do advogado e dos policiais. As transformações do sujeito aprisionado no espaço privado (sua casa) em sujeito autônomo e atuante socialmente parte de uma transformação do espaço de confinamento, com reformas que o europeízam, seguida da modificação da aparência física e das atitudes da personagem, que demandaram a constituição de uma nova rotina, muito diferente da antiga, cuja descrição feita pela

⁷ SPARK, M. *Curriculum Vitae*: autobiography. New York: Houghton Mifflin Company. 1993, p. 126



narradora denota o contraste existente entre esta e a nova rotina, cuja preocupação principal consiste em fazer visitas sociais e em recebê-las em sua casa:

I do not think it had ever before occurred to Sonia that her days could be spent otherwise than in rising and washing her face at the tub outside, baking bread, scrappily feeding her children, yelling at the natives, and retiring at night to her feather bed with Jannie. Her only outings had been to the Dutch Reformed gathering at Easter when the Afrikaners came in along the main street in their covered wagons and settled there for a week.⁸

No entanto, a liberdade de que gozava Sonia não poderia perdurar por muito tempo, pois se tratava de uma situação temporária, além de estar ela em uma região árida em termos ambientais e sociais. Desta forma, a fortuna recém-descoberta e gasta com luxo por Sonia é um elemento que lhe garante inserção social, pois ela se descobre herdeira de seu pai, um colono rico que havia guardado muito dinheiro no banco. Com as portas das famílias mais importantes abertas e com uma influência social e política em crescimento no local, Sonia não se dá conta da passagem do tempo e do que isto pode significar para sua condição de esposa de um fazendeiro tradicional, na colônia.

Neste sentido, é importante pensar no simbolismo que adquire a janela e as cortinas dos quartos, pois, no incidente descrito no início do conto, a criança nativa observa a mulher branca de entre as cortinas, através da janela aberta. Esta descrição leva a refletir acerca da janela ser uma espécie de portal, a partir do qual o espaço privado, reservado para as mulheres, revela-se para os homens, atuantes no espaço público. Esta visibilidade dada às experiências das mulheres é significativa ao implicar numa visão do mundo das mulheres como um mistério a ser revelado para os homens, escondido sob a fina malha de uma cortina, que, por não revelar, torna-se o objeto de incitação da imaginação masculina.

Paralelamente a este entendimento, deve-se considerar, também, que o vento que sopra por entre as cortinas não é um vento amigável, mas o prenúncio de tempestades. Desta forma, a descrição feita pela narradora torna-se simbólica da pressão pela qual a mulher deve passar, logo após sentir-se livre e dotada de autonomia, pois as dificuldades vêm logo após uma conquista, como uma espécie de retaliação, pois “as cortinas nunca se moviam com a brisa, a não ser que uma tempestade estivesse a caminho”.

Outro significado que pode ser atribuído à cortina está no fato de ser este elemento o indicador dos erros observáveis na sociedade colonial, onde as conquistas das mulheres não passavam de uma ilusão, uma mentira, ou algo que não poderia perdurar por causa do poder e da autoridade conferidas ao marido, proprietário das terras e da mulher que lhe havia sido “dada” em

⁸ SPARK, M. *All the stories of Muriel Spark*. New York: New Directions Books, 2001, p. 16



casamento. Assim sendo, as cortinas de Sonia podem representar esta autonomia ilusória, como afirma a narradora:

a slight movement of the curtains should be the sign of a summer breeze seems somewhere near to truth, for to me truth has airy properties with buoyant and lyrical effects; and when anything drastic starts up from some light cause it only proves to me that something false has got into the world.⁹

Como o vento que movia as cortinas, as mulheres de ambos os contos buscaram instituir as mudanças que lhes dessem melhores condições de vida, mas se viram confrontadas pela violência das tempestades causadas pelos homens. No entanto, perceberam que era tarde para não se molharem na tempestade e que as consequências deviam ser assumidas, sem arrependimentos.

Deve-se levar em consideração, assim, que a mulher que se encontra frente a uma realidade com a qual não está acostumada, ao causar mudanças que desafiam a ordem estabelecida, pode ser a causadora de catástrofes. Este é o caso de ambos os contos, que mostram como as mulheres que buscam alguma mudança em suas vidas podem ver seus desejos e anseios serem suprimidos por um grupo detentor do poder que elas não têm: o grupo dos homens. É devido a este poder que as mulheres saíram às ruas, deram visibilidade a suas necessidades, a seus modos particulares de viver, a suas experiências e necessidades. Os homens, assustados com a nova atuação delas, retaliaram usando a violência, tentando suprimir os direitos deste grupo e calar sua voz. No entanto, é importante lembrar sempre que, se algumas mulheres foram silenciadas e oprimidas, muitas outras fizeram-se ouvir a partir do momento em que acreditaram que mais valia a pena agir do que calar-se, pagar o preço da desobediência a ter que viver em aprisionamento eterno.

Bibliografia

- MACQUILLAN, M. (ed.). *Theorizing Muriel Spark: gender, race, deconstruction*. 1st. Ed. New York: Palgrave. 2002.
- SHOWALTER, E. A crítica feminista no território selvagem. In: HOLLANDA, H. B. de (org.). *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, Gênero Plural. 1994, p. 23-57.
- SPARK, M. *All the stories of Muriel Spark*. New York: New Directions Books, 2001.
- SPROXTRON, J. *The women of Muriel Spark*. London: St. Edmundsbury Press Lt, 1992.

⁹ SPARK, M. *All the stories of Muriel Spark*. New York: New Directions Books, 2001, p. 25